

CRIATIVIDADE OU CRIATIVIDADES? UMA INTRODUÇÃO

A criatividade é um conceito produzido pela modernidade. Ele resulta da constante busca do novo, do inesperado, da novidade e do surpreendente. A cultura contemporânea substituiu o conforto e a estabilidade da tradição que durante séculos conduziu as sociedades agrícolas, pela voragem da novidade que a industrialização anteviu como possibilidade e a contemporaneidade pós-moderna e digital tornou possível e corrente nas nossas vidas. A arte, como grande barómetro cultural que também é, cultivou-a desde a passagem do século XIX para o XX a ponto deste termo se ter tornado tão comum como o ar que se respira. O atraente e generoso mito, como criticamente lhe chamou Thierry de Duve, no seu ensaio “When Form Has Become Attitude - And Beyond”, publicado em *The Artist and the Academy: Issues in Fine Art Education and the Wider Cultural Context* e editado por Stephen Poster and Nicholas deVile (Southampton, England: John Hansard Gallery, 1994) é o de que todos nascemos criativos e com esta capacidade encaramos as nossas vidas. No ensino artístico a criatividade transformou-se numa panaceia: desde que esta “flua”, tudo resto, o que quer que seja, se torna acessório, menor, eventualmente desnecessário, e porventura descartável. Esta será porventura a maior consequência negativa do conceito no campo do ensino.

O paradoxo da criatividade é que se nascemos com ela não existe qualquer necessidade de a cultivar, ensinar ou aprender. Nesta ordem de ideias ou se nasce criativo ou não visto tratar-se, então, de um traço de personalidade. Quem é criativo segue estudos nas áreas criativas e os outros, porventura menos dotados, seguem para outras áreas que, supostamente, não dependem dessa habilidade. Levanta-se então a questão de qual o papel do ensino, seja o especializado artístico, seja o geral, quanto à criatividade e quanto aos contextos em que ela é requerida.

É a este panorama problemático que este livro se dirige. Consideramos urgente refletir sobre as relações entre criatividade, ensino e práticas artísticas. Muitas são as questões e olhares que podem ser lançados e é abraçando essa multiplicidade contemporânea de olhares sobre este conceito que pretendemos colocar aqui em perspetiva. Se ainda hoje o brilho desta palavra continua operante e é inescapável nos discursos sobre a arte e seu ensino, que desconstrução poderá ser feita do seu uso? Que revela ela e, principalmente, o que esconde e significa nesse seu carácter fluido?

Considerando os desafios da sociedade digital e da globalidade, este livro reúne e apresenta um conjunto de textos que contribuem para uma compreensão expandida da criatividade e do seu impacto tanto nos processos de produção artística como na educação, considerando as dimensões psicológicas, sociais e históricas implicadas. Nesse sentido são pertinentes tanto visões abrangentes do fenómeno, dentro das áreas aqui convocadas da produção artística e o seu ensino, como de olhares mais restritos, mas investindo em profundidade.

A primeira parte deste livro apresenta reflexões dentro da primeira destas abordagens. Em **Olhando a Vastidão da Paisagem**, oferecem-se duas interpelações da criatividade em extensão. A primeira destas coloca o observador nesse ponto de vista privilegiado que observa o todo das múltiplas práticas de ensino e dos lugares que a criatividade neles pode significar e uma segunda abordagem que percorre o conceito de criatividade na sua evolução histórica lembrando os meandros da sua evolução até à atualidade. Vários outros olhares sucedem-se na parte seguinte, **Olhando Para o Umbigo**, onde artistas refletem sobre diversos aspetos criativos da sua prática artística. Do mesmo modo, numa terceira parte - **Olhando O Outro nos Olhos** - apresentam-se reflexões sobre a criatividade no campo especializado do ensino das artes visuais em diversas situações particulares. A

fechar esta obra reúnem-se **Outros Olhares**, dando sinal de que o tema não se esgota nas abordagens anteriores, mais comuns ou diretas.

Olhando a Vastidão da Paisagem inaugura-se com uma abordagem múltipla e particularmente embebida da relação que o ensino pode vir a assumir face aos desafios do século 21, seja nas artes visuais seja fora das mesmas e transversalmente a todas as áreas. Seymour Simmons, Professor emérito da Winthrop University nos EUA a propósito do seu recente livro “The Value of Drawing Instruction in the Visual Arts and Across Curricula: Historical and Philosophical Arguments for Drawing in the Digital Age” (Routledge, 2021) reflete sobre o ensino no seu todo e dos papéis que a criatividade pode assumir, em conformidade com os propósitos e com os paradigmas filosóficos e psicológicos subjacentes, de diferentes abordagens ao ensino da visualidade. Em **Um fantasma Revisitado: Ensino de Desenho e Cultivo da Criatividade na Arte Contemporânea** Simmons apresenta cinco modelos de ensino de Desenho, encarado como o exercício fundacional do cultivo da Visualidade (i.e. da sensorialidade no seu todo) a saber: Desenho como Design, Desenho como Ver, Desenho como Experienciação, Desenho como Expressão e Desenho como Linguagem.

De um outro ponto de vista, ainda panorâmico, se colocam Stela Sanmartim e José Cirilo, Professores da Universidade Federal do Espírito Santo no Brasil, oferecem uma rica revisão da literatura sobre a evolução histórica do conceito de criatividade desde Platão à atualidade passando pelos mais relevantes contributos e autores. Este capítulo, **Modos de Estar no Mundo: Perspetivas sobre a Criatividade**, finda com a apropriação dos conceitos abordados no campo do ensino artístico, traçando paralelos entre as teorias provenientes maioritariamente da Psicologia e seu uso em práticas pedagógicas inovadoras.

O umbigo é esse lugar central no corpo humano, resquício do cordão umbilical que serviu de suporte vital antes do nascimento. Olhar para o umbigo é um olhar de perto e no quadro de determinadas circunstancialidades para dentro de si, tanto quanto possível. O exercício de reflexão crítica que os artistas desenvolvem sobre os seus próprios processos criativos estão reunidos sob o título **Olhando para o Umbigo**, uma parte deste livro que nos traz um outro tipo de olhar sobre o fenómeno da criatividade que já não o da janela sobre o mundo, mas o seu inverso. Novamente Stela Sanmartim e José Cirilo retomam, nesta outra modalidade, o tema da criatividade em **Renascente: Experiências Contemporâneas da Criatividade**, neste caso a propósito de uma obra de um outro artista. Analisam-se as circunstâncias e os momentos processuais que antecedem a criação do projeto artístico “Renascente”, uma intervenção na paisagem do artista brasileiro Piatan Lube. Esse processo criativo específico é discutido no quadro do modelo sistêmico de criatividade do psicólogo croata Mihaly Csikszentmihalyi.

O primeiro dos quatro textos de artistas que aqui apresentam reflexões pessoais sobre suas obras provem da artista e Professora da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em Portugal, Teresa Almeida. Sem se dirigir diretamente à criatividade, em **Criatividade Transparente**, relembra que esta é um constituinte estruturante da obra de arte. Refletindo sobre a sua própria produção artística, a autora questiona os fatores que a determinam, passando em revista os critérios de diversos filósofos em incursão que segue de perto o pensamento do americano Denis Dutton (1944-2010) que vê a arte como parte integral da natureza humana com origens evolutivas profundas, ou seja, que propõe a arte como um instinto natural e universal da humanidade do qual participa em grande medida a criatividade.

Por outro lado, José Rocha docente da Universidade Federal da Bahia no Brasil, num discurso autorreflexivo a partir da sua própria produção artística, partilha a descoberta de autorreferências vivenciais que inconscientemente alimentam o processo criativo artístico relacionando vida e arte;

identidade pessoal e identidades sociais. Para tal empreendimento, no capítulo **Onde Aprendi a Olhar com Olhos de Fogo**, o autor apoia-se no pensamento da brasileira Sônia Rangel que fornece um enquadramento concetual para esse efeito, a “abordagem artístico-compreensiva para processos de criação” que remete para estratégias pedagógicas que promovem o pensamento crítico-reflexivo no quadro do ensino artístico.

É comum associar a criatividade a dinâmicas positivas, encarando-a como uma potencialidade humana ou olhando o processo criativo como uma práxis que visa conduzir a um resultado processual frutuoso, associado a avanços no conhecimento e à novidade em termos de novas soluções ou produtos. Tal não significa que a “matéria-prima” desse processo seja da mesma natureza. Em contraciclo Sandro Bottene, doutorado em Artes Visuais no PPGART na Universidade Federal de Santa Maria no Brasil, propõe neste capítulo pensar o papel que emoções negativas, mesmo as extremas como a dor física e emocional podem desempenhar num processo criativo no quadro da produção artística. Este autor, em **Poéticas da Dor: Construções de Uma Experiência Criadora**, fala-nos do poder curativo da arte explorando a dimensão a que Simmons no primeiro capítulo chama de “Arte como Expressão” que lida com as Inteligências Intrapessoal e Interpessoal que correspondem aos processos de conhecimento e interação de si mesmo para consigo próprio e de si próprio para com os outros.

Entre as esferas do imaginário coletivo e da experiência pessoal, Giovana Domingos, pesquisadora no mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria, aborda no capítulo **Estéticas Orientalistas e Experiências Pessoais como Processo Criativo** o processo cognitivo da memória interrogando-se sobre o seu papel e a sua importância durante o processo criativo. Reflete sobre o poder transformativo da criatividade no âmbito da produção artística no contexto da vídeo-performance. Apoiada no pensamento de John Dewey e de Michel Maffesoli no que concerne aos conceitos de experiência e de imaginário correspondentemente, a autora tenta identificar, desmontar e questionar sentidos das suas vivências infantis que nutriram e assistiram a importantes escolhas estéticas no processo de produção de uma sua obra de vídeo performance.

Olhar pelo outro é a missão do ensino. Que apropriações práticas e que entendimentos da criatividade fazem eco na escola e nomeadamente no ensino artístico? É a questão que coloca a terceira parte deste livro, **Olhando o Outro nos Olhos**. Numa inaugural incursão dedicada aos desafios da criatividade no ensino, encontramos o pragmatismo da estética de John Dewey servindo como fio condutor das reflexões de Jocielle Lampert, Fábio Wosniak e William da Silva, Professores da Universidade do Estado de Santa Catarina no Brasil, em **Arte como Experiência ou Arte Educação pela Pintura**. O ensino artístico é aqui encarado no quadro do paradigma “Desenho como experiência” de entre os modelos educacionais propostos por Simmons no capítulo inaugural. Os conceitos de ambiguidade, de ideação e de interdisciplinaridade são equacionados na sua relação com o desenvolvimento de processos vivenciais da criatividade no campo do ensino artístico. Especificamente é ponderado o papel que estes podem desempenhar como dispositivos catalisadores da busca de novas formalizações de ideias plásticas e soluções formais no quadro de um processo artístico.

As esferas da arte e do seu ensino nem sempre se acompanham de forma harmoniosa. A natureza do ensino tende a colocar o enfoque em questões técnicas e em especial na necessidade de avaliação com bases de objetividade. Estas tendências constituem-se frequentemente como fatores limitadores ao exercício da criatividade no contexto escolar. Os processos criativos próximos da esfera artística são por natureza centrados no indivíduo criador e no exercício da liberdade em contextos problematizadores e até fraturantes em seus significados sociais o que coloca desafios no campo do ensino artístico. Daniel Momoli e Sonia Vasconcellos em **Estágio, Criação e Docência: (Des) Encaixes na Licenciatura em Artes Visuais**, abordam as dificuldades da formação de professores em Artes

Visuais e dos desafios que o exercício da criatividade coloca na prossecução de boas práticas de ensino nesse momento especialmente relevante de iniciação à prática pedagógica que é o estágio.

Thaís Sampaio e Vera Fernandes, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Brasil refletem sobre o ensino artístico no que diz respeito ao uso das redes sociais como parte estruturante do processo criativo e no quadro de um processo pedagógico histórico-crítico tal como foi definido pelo pedagogo brasileiro Dermeval Saviani. Neste capítulo intitulado **O Processo Criador e os Dilemas das Redes Sociais – Referências Para o Ensino das Artes Visuais**, são lembradas as ideias sobre a criatividade de Lev Vigotski.

Outros Olhares compila três abordagens muito diversas entre si, apontando para outras direções e enfoques do fenómeno criatividade. Possuem, no entanto, em comum tomarem a criatividade como algo que caracteriza certos processos que contêm em si mesmo originalidade significativa. Em **A Arte como Experiências de Transubstanciação – Para Uma Expansão da Substância Interna da Consciência de Si**, aborda-se de maneira panorâmica e filosófica, a arte como Expressão, nos termos definidos no primeiro capítulo por Seymour Simmons. O seu autor, Luís Filipe Rodrigues - Professor de Desenho na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa em Portugal, desmonta o processo artístico (leia-se criativo) a que chama de transubstanciação, considerando o sujeito cognoscente, isto é, um sujeito dotado de cérebro humano capaz de processar as informações provenientes do seu entorno através dos sentidos percetivos.

Ricardo Guimarães, professor da UNIVASf no Brasil, e Eliseu Balduino, mestrando em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria no Brasil mostram, em abordagens autorreferenciais como artistas, que a criatividade está imbuída nos seus próprios processos produtivos porque estes é que são a obra significativa. Em **Experiências Com a Palavralmagem na Rua** e em **Processos de Criação em Fotografia de Rua como Prática Artivista** correspondentemente, os autores descrevem seus processos, de como estes se abrem à ação de terceiros e à indeterminação formal e refletem sobre os seus possíveis significados, assim como sobre o estado de devir da obra de arte.

Agradecemos a todos os artistas, investigadores e professores que contribuíram para esta obra que resulta do seu generoso envolvimento neste coletivo. Esta edição resulta de um longo e complexo processo que é também reflexo do trabalho e da paixão pelas artes visuais de que todos comungamos.

Flávia Vasconcelos

Raquel Pelayo